“EXU ME DEU, NINGUÉM VAI TOMAR!”: A FALACIA DO CURRÍCULO NEUTRO E O “FECHE AS PERNAS!” INTERSECCIONAL DE VIVÊNCIAS DESOBEDIENTES.

Políticas Públicas e Projetos para Amazônia: Desafios, Sustentabilidades e Perspectivas, 1ª edição, de 21/06/2023 a 23/06/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-044-1

SANTOS; Vinícius de Souza [1], PEDROSA; Mirian Rodrigues [2], SOUZA; Andreia da Silva [3]

RESUMO

Introdução/Objetivo: A educação tem papel fundamental na construção que a sociedade organiza para suscitar novas formas e concepções de mundo num âmbito geral. Mas, da mesma forma que ela emancipa e transforma pessoas para transformar o mundo, máxima estendida por Paulo Freire, ela também detém de um mecanismo de regulação de corpos, condutas e de vivências, legitimando, por meio de ações nítidas, sua posição ideológica, cultural e social. Este trabalho tem por finalidade apresentar uma reflexão, pautada nos estudos culturais, de currículo e interseccionais sobre os subsídios que o currículo, dito neutro pelo discurso conservador, opera em corpos que desobedecem a cisheteronormatividade e as subjetividades integrais dos sujeitos e sujeitas sociais na escola. **Materiais e Métodos:** Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, com abordagens inspiradas pelas escrevivências (EVARISTO, 2017) e nos subsídios fornecidos pela autoetnografia escolar (CAETANO *et al.* 2019), uma vez que retrata um recorte interseccional de análises cotidianas vividas por pessoas que fogem ao padrão estabelecido pela colonialidade normativa, e parte, a princípio, da revisão bibliográfica em textos decoloniais e interseccionais para a reflexão acerca da neutralidade curricular. **Resultados e Discussões:** As construções identitárias e culturais são constituídas no tempo e são formativas de uma representatividade temporal das formas como percebemos o mundo e o que nele há, dessa forma em conexão a quem abre espaço para estas conexões saúdo Exu, que como guardião e mensageiro dos caminhos nos orienta a sensibilidade científica e analítica necessária para pontuar o local de fala da reflexão: Laroye Exu! Perceber que as delimitações que a escola em suas constituições faz, para pontuar quais modelos culturais são produzidos no contexto social, é possibilitar que os discursos, metanarrativas, ideias e epistemologias sejam localizadas para serem problematizadas. (HALL, 2017) Um desses aspectos é a constituição dos currículos como base para a produção do conhecimento organizado na educação. Mas, ao passo em que esses conhecimentos e ações se organizam a sociedade cisheteronormativa, em detrimento, costuma pontuar suas especificações sobre a “neutralidade” da escola e do currículo para falar e manter a centralidade sobre as pessoas que nela estão. (OLIVEIRA, 2017) O que acontece e que essa falácia de neutralidade é uma conduta ideológica que tem por objetivo manter uma estrutura de dominação sobre aqueles que se desviam dessa centralidade Cultural. (HUNT, 2020) Esse fetiche nostálgico da cisheteronormatividade em delimitar quais as extensões que podem ser ditas ou ensinadas, detêm um espaço-tempo cultural que sela os corpos aceitáveis, não-aceitáveis, passáveis e não-passáveis, e sabe-se que a norma adquire forma e nome quando o desvio interpõe sua existência. A escola por seu um espaço de pluralidades de vivência ainda que queira ser neutra, jamais poderá assim ser, isso porque sua construção é um reflexo do posicionamento que tal contexto revela. (WOODSON, 2022) As

[1] Universidade Federal de Rondônia, igualatodos90@gmail.com
[2] Universidade Federal de Rondônia, mirianrp53@gmail.com
[3] Universidade Federal de Rondônia, andreiasilva201456@gmail.com

vivências LGBTQIAP+, negras e, até mesmo dissidentes em crenças, na escola por serem cotidianamente atravessadas pelos marcadores sociais historicamente construídos são imbuídas da tarefa de exemplificarem o que não pode ser feito, é óbvio que essa tentativa de constituir essas concepções são frustradas porque não se sustentam em suas explicações, tendo em vista a rápida mudança produzida pela contemporaneidade em provocar os modelos hegemônicos estabelecidos para padronizar e regular a educação, corpos e vivências. (DINIZ, 2013) Sendo assim, percebeu-se que a falácia da construção de um currículo neutro, entendendo que neutralidade também é posição social, (PINHEIRO, REIS, 2021) preconiza os abismos produzidos pela escola sobre corpos de pessoas desobedientes da colonialidade normativa (MISSIATTO, 2021), mas ao mesmo tempo falha por não ser possível distanciar mais essas vivências da produção de epistemologias e conhecimentos produzidos nesses espaços, uma vez que a escrevivência dessas pessoas pontuam a forma como problematizar os fenômenos de mudança social. **Conclusão:** Diante da reflexão sobre a neutralidade curricular e seus impactos nas vivencias de corpos que desobedecem à cisheteronormatividade e subjetividades integrais na escola, é possível concluir que a busca por um currículo neutro revela-se uma falácia que perpetua estruturas de dominação e exclusão. A escola, por mais que aspire à neutralidade, reflete o contexto social em que está inserida, reproduzindo modelos culturais hegemônicos e restringindo a diversidade de experiências. A construção identitária e cultural é formada ao longo do tempo, moldando a maneira como o mundo se organiza e se movimenta. Nesse sentido, é fundamental compreender que a escola exerce um papel central na definição de quais modelos culturais são considerados legítimos, se é que eles existem. Assim como a sociedade cisheteronormativa, “em crise” diante das transformações sociais, busca impor esta ideia de neutralidade, ignorando e marginalizando totalmente os corpos, vozes e experiências das pessoas que não se encaixam nas centralidades culturais defendidas, o currículo exerce papel fundamental nessas perpetuações, uma vez que por ser um espaço de poder acaba por produzir narrativas e condutas vividas nos cenários escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Currículo, Neutralidade, LGBTQIAP+, Interseccionalidade

[1] Universidade Federal de Rondônia, igualatodos90@gmail.com
[2] Universidade Federal de Rondônia, mirianrp53@gmail.com
[3] Universidade Federal de Rondônia, andreiasilva201456@gmail.com